

LÁPIDES

Domingos Viramundo

[Bacharel em Arquivologia. Doutorando em Geografia/UFG]

No tranquilo cemitério da pequena cidade, Paranã, velório de meu avô Agostinho, viveu 97 anos, choros e buchichos, conflitos e tensões, saudades e emoções. Entro em um momento de autodigestão do pensamento, a vida tem o dom de me colocar nesses momentos, fico perdido no vácuo do meu ser.

Só a escrita gélida das lápides me chama a atenção. Entre as lápides antigas e envelhecidas pelo tempo, há uma frase comum que se repete incessantemente:

"Aqui jaz fulano, um ser humano excepcional, bondoso e virtuoso".

É curioso como, mesmo na morte, buscamos exaltar nossas virtudes, escondendo nossas falhas e limitações.

Somos mestres na arte de reescrever nossa própria história, moldando-a de acordo com nossos desejos e vaidades.

Nas lápides, somos pintados como heróis, como seres quase divinos, deixando para trás todas as imperfeições e fracassos que marcaram nossas vidas. É como se a morte fosse uma oportunidade final de maquiagem nossa existência, tornando-a mais palatável para aqueles que ficam.

É compreensível que queiramos ser lembrados de forma positiva, afinal, quem deseja ter sua memória associada a erros e falhas?

Mas há uma grande diferença entre honrar as virtudes e ignorar completamente as imperfeições que nos tornam humanos.

Somos uma complexa mistura de luz e sombras, e negar essa dualidade é negar nossa própria essência.

Ao caminhar pelo cemitério, é impossível não questionar a validade dessa falsa narrativa que perpetuamos.

Por que insistimos em nos mostrar sempre melhores do que de fato fomos? Não seria mais honesto e saudável reconhecer nossas fraquezas e aprender com elas? Levamos para a lápide a forma exata de como lidamos com a vida.

Nos enganamos e golpeamos aqui e ali para mostrarmos e revelarmos a nossa auréola de bons feitos.

Mas não seria a partir dos erros que crescemos, que nos tornamos mais resilientes e humanos?

Talvez seja o medo do esquecimento que nos impele a criar essas fachadas idealizadas de nós mesmos.

Queremos ser lembrados, queremos deixar uma marca positiva no mundo.

No entanto, a verdadeira imortalidade não está em apagar nossas falhas, mas em como impactamos a vida das pessoas ao nosso redor.

São as memórias reais que carregam o nosso legado, não as versões idealizadas que deixamos nas lápides.

Portanto, como podemos encontrar a coragem necessária para enfrentar nossas próprias imperfeições, quando há uma profunda dificuldade em aceitar nossos erros? Por que é tão desafiador abraçar nossas falhas e aprender com elas, em vez de tentar escondê-las sob um véu de perfeição?

Talvez seja porque fomos condicionados a acreditar que qualquer desvio da imagem idealizada que projetamos de nós mesmos é um sinal de fraqueza, um motivo para nos envergonharmos.

Não seria essa busca incessante pela perfeição apenas algo que nos distancia de nossa própria humanidade?

Enquanto caminho de volta para casa, percebo que talvez seja hora de reescrever não apenas as lápides, mas também nossas próprias vidas. Que nossas histórias sejam contadas com honestidade, respeitando nossos altos e baixos, celebrando nossas conquistas e aprendizados.

Que possamos ser lembrados não como seres perfeitos, mas como seres humanos autênticos, que na luta da existência persistiu, amou, odiou, errou, acertou...

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.